

Ministério da Cultura
e Banco do Brasil
apresentam

FLÁVIO CERQUEIRA

um escultor de significados

8 out 2025 a 18 jan 2026

CCBB Educativo - Lugares de culturas

UM INÍCIO DE CONVERSA

Ao usar o subtítulo “um escultor de significados” para a sua exposição, Flávio Cerqueira procura dar uma pista a cada visitante: há muitas camadas revestindo as figuras tridimensionais presentes no CCBB do Rio de Janeiro. Mas antes de mergulhar nas criaturas imaginadas pelo artista, é preciso se deter em uma das palavras que ele escolhe para si, aquela que é mais direta: “escultor”.

A escultura acompanha a humanidade há milhares de anos. As chamadas “Homem-leão” e “Vênus de Hohle Fels” foram achadas em cavernas na Alemanha e criadas em marfim de mamute. Pesquisadores situam a origem daquelas peças em 40 mil anos antes de Cristo (período Paleolítico) e ambas têm claras marcas de ferramentas. Esta última característica é fundamental para a definição de uma escultura: a ação humana para transformar determinada matéria-prima (pedras, metais, gesso e outras) em uma forma pretendida, seja ela figurativa ou abstrata.

Este é um início de conversa e de percurso para entender a individual de Cerqueira: ele é um artista escultor, disposto a criar determinadas formas a partir de materiais minuciosamente escolhidos, de modo a reforçar seu diálogo com a história da linguagem artística que abraçou como profissão.

CCBB Educativo - Lugares de culturas



Amnésia
Tinta látex
sobre bronze
2015

Há registros muito mais antigos debatidos como escultura. “A Vênus de Berekhat Ram”, encontrada nas Colinas do Golã, em Israel, e feita de rocha vulcânica, tem idade situada por pesquisadores entre 230 mil e 700 mil anos antes de Cristo. Já a “Vênus de Tan-Tan”, achada no Marrocos e constituída de quartzito, tem origem entre 200 mil e 500 mil anos antes de Cristo. Pesquisadores discutem, no entanto, se as formas femininas da primeira foram feitas pelo homem ou têm causas naturais, e se as ranhuras na outra foram causadas por ferramentas ou são acidentais.

O ARTISTA E SUA OBRA

Flávio Cerqueira nasceu na periferia de São Paulo, em 1983, e só teve a oportunidade de entender a escultura como obra de arte na juventude, quando o Brasil recebeu uma grande retrospectiva do francês Auguste Rodin (1840-1917). Mobilizado pela grande expressividade das esculturas do autor de “O pensador” (1880-1902), buscou o trabalho com a tridimensionalidade a partir do impacto com aquelas peças.

O que Cerqueira faz, no entanto, tem a ver com outra palavra-chave do subtítulo de sua mostra no CCBB: “significados”. Entrega ao público um universo reconhecível da escultura, ao criar peças semelhantes, embora em outra escala, às esculturas monumentais públicas que fazem parte da memória de cada habitante de uma cidade. No entanto, depois de oferecer aquilo que parece reconhecível e palatável, o artista rasura estas peças, criando ruídos nesse jogo de representação.

O lugar do monumento em bronze, historicamente destinado a “heróis” oficiais, na obra do artista é ocupado por pessoas comuns com fisionomia que as situam como adolescentes e negras.



VIGOR JUVENIL

A opção pelos retratados jovens também é uma espécie de carta de intenções do artista, que se alimenta da energia transgressora dos adolescentes para criar imagens que, de múltiplas maneiras, buscam criar no público uma sensação de estranheza e desencaixe — o que pode ser o início de uma transformação. Outra característica importante é o banho final no metal, que dá cor às peças. Salvo em exceções, o bronze recebe a cor marrom.

DESCOBERTAS NO ESPELHO

"A traição do olhar" (2017) é outra obra de Cerqueira diante do espelho. A personagem, com traços que transitam entre o feminino e o masculino, vive a delicadeza da descoberta da sexualidade. O título da escultura aponta para um problema frequente: o momento em que a imagem do corpo pode não corresponder ao reconhecimento interno e sensível que se tem de si mesmo. Travessias.



JARDIM

Qual foi a última vez que você teve tempo para sentar em um banco de praça ou jardim e, com o celular desligado, simplesmente observar o espaço ao redor? A exposição de Flávio Cerqueira começa com um convite à contemplação. No *foyer*, espaço térreo do CCBB, o público é recebido por um jardim cenográfico, no qual pode ver três esculturas do artista. O conjunto lembra a relação de qualquer escultura com o espaço público e com a escala do corpo humano, seja ela uma obra de arte figurativa ou abstrata.

Em “Para dar nome às coisas” (2021), Cerqueira tira partido do princípio de qualquer linguagem. Quando somos crianças, aprendemos a nomear as coisas do mundo para que o mundo de fato exista em uma partilha comum com outros seres que vivem nele. Nomear é fazer existir em comunidade, é ampliar o horizonte a partir de um grupo cultural a que se pertence.

Em “Na medida do impossível” (2014), o artista cria uma inquietude a partir de uma ilusão criada com o uso dos materiais.

A representação de uma frágil bolha de sabão ganha forma a partir de vidro transparente conciliado com a figura em metal. A aura de eternidade que banha o estatuário em bronze em nosso imaginário coletivo entra propositalmente em choque com a efemeridade insinuada pela bolha.

Em “Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim” (2015) (na próxima página), Cerqueira provoca um diálogo com uma importante obra do modernismo brasileiro: “Eu vi o mundo... Ele começava no Recife” (1926), do artista pernambucano Cícero Dias (1907-2003). A pintura monumental de Dias, que mede cerca de doze metros de largura e foi executada em técnica mista e guache sobre papel, afirmava, com um gesto tipicamente moderno, a cultura brasileira, especificamente a do estado natal do pintor, como ponto de partida para uma gênese do entendimento do mundo. No caso de Cerqueira, o mundo é compreendido e, mais do que isso, inventado, a partir da memória e da vida íntima.

AO AR LIVRE

A relação entre jardins e esculturas é uma tradição antiga no lugar que aprendemos a chamar de Ocidente. Também é fortíssima em países da Ásia como China e Japão. Na Grécia e na Roma antigas, figuras mitológicas eram retratadas em espaços públicos, pátios e villas. A Europa dos séculos XV a XVII, especificamente a dos movimentos Renascimento e Barroco, conheceu o apogeu das esculturas ao ar livre. Mas a tradição de relacionar a obra de arte tridimensional com a paisagem perdura até a contemporaneidade. No Rio de Janeiro, espaços como a Praça Paris evidenciam a relação entre esculturas e jardim. Essa tradição perdura no diálogo com a arte contemporânea, e o Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais, é um bom exemplo disso.

SUBVERSÃO E MONUMENTO

Quantos generais, barões e celebridades artísticas e culturais você já viu representadas em esculturas em espaços públicos? A tradição do monumento está ligada à história dos vencedores que, em um país como o Brasil, com seu passado colonial, está ligado majoritariamente aos homens brancos que ocuparam posições de poder. Ao entregar esse posto de monumentalidade para jovens de um amplo espectro da população brasileira que se autodeclara como “negro” ou “negra”, Cerqueira almeja para essas pessoas o lugar da eternidade.



significados

Lilia M...

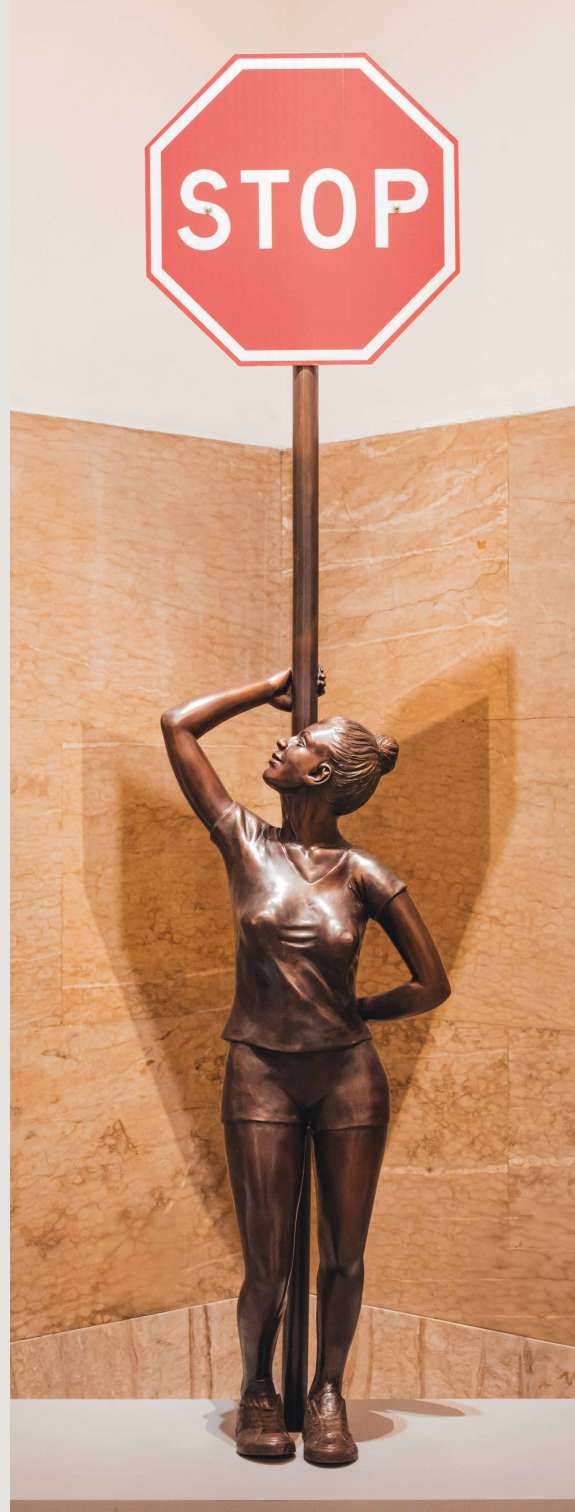
CRONISTA

Pela janela do ônibus, na rua, na fila da padaria. No texto desenvolvido em parceria com o próprio artista, a curadora Lília Schwarcz assinala que Flávio Cerqueira “anota” as características físicas e o semblante emocional de seus futuros personagens enquanto transita pela cidade. Sua obra escultórica é, então, uma espécie de crônica de São Paulo, a maior cidade da América Latina, a partir de seus moradores, dos seres anônimos que ajudam a construir a história dessa megalópole.

No 2º andar do CCB, onde está a maioria das obras da exposição em sua versão carioca, é possível perceber com muita nitidez a relação de Cerqueira entre a cidade e seus moradores e transeuntes.

Cansei de aceitar assim

Bronze e sinalização de trânsito
2020
Coleção Rose e Alfredo Setúbal





Pretexto para te encontrar
Pintura automotiva sobre bronze
e cabos de aço
2013
Coleção do artista

CONTRADIÇÕES

Mais do que imprimir as características físicas dos jovens que ele retrata no bronze, Cerqueira persegue transmitir a quem olha uma peça sua um estado emocional e subjetivo. Para isso, conta com o auxílio do título de cada obra, pensado de forma bastante minuciosa, na elaboração de um caminho possível de diálogo com o público.

Em “Atalho para a liberdade” (2019), o uso de tinta azul sobre os balões que sustentam a escultura no teto cria simultaneamente ilusão e mobilização a partir de características contraditórias: a suposta leveza dos balões, que é fala,

visto que eles não são de borracha, e, sim, de metal, não seria capaz de sustentar o corpo da jovem, ainda mais sendo ele esculpido em bronze, tampouco levá-la a lugar algum. Tais dicotomias funcionam como uma alavanca disparadora de sentidos, mais uma vez os múltiplos significados a que se refere o título da exposição.

No interior da sala, as cores quentes de “Pretexto para te encontrar” (criada seis anos antes da peça anterior, em 2013) são o acesso para um estado de alegria, em que a flutuação sugerida é de apaixonamento, de mobilização na direção de outro alguém.

PRIMO GÊNITA

Na primeira sala do circuito no 2º andar do CCBB Rio, o público tem a oportunidade de ver a primeira escultura criada por Cerqueira. Em “João sem braço” (2008), o artista busca uma conversa bem humorada e irônica com a história da arte, ao criar uma figura de menino sem os membros superiores, que frequentemente são partes faltosas nas esculturas remanescentes da Grécia e da Roma clássicas, por exemplo. Ao dar para seu personagem o nome de João sem braço, tira partido de uma expressão idiomática da cultura popular, associada a pessoas pouco confiáveis.

Alguém que esteja se passando por um João sem braço pode estar fingindo deliberadamente não estar entendendo algo ou evitando assumir uma responsabilidade.

A obra “Não estou no meu passado” (2024) cria uma ponte com a escultura seminal do artista, reinvestindo na ironia para roçar o repertório visual da história da arte europeia.



João sem braço

Pintura eletrostática sobre bronze

2008

Coleção do artista

POR QUE SEM BRAÇOS?

Duas das maiores obras de arte do chamado Ocidente estão no Museu do Louvre, em Paris. São esculturas do período Helenístico (criadas entre 200 a.C. e 100 a.C.) e têm ainda em comum o fato de que perderam seus braços: a "Vênus de Milo" está na galeria greco-romana da instituição, enquanto a "Vitória de Samotrácia" fica no topo da escadaria Daru. Em peças de mármore ou outras pedras, como a maioria das obras clássicas que sobreviveram até nossos dias, as partes mais frágeis da escultura são os braços, que estão fora do centro de massa da peça, mesmo quando não estão levantados.

Não estou no meu passado

Bronze patinado

2024

Coleção do artista



VIL METAL

O curioso é que havia muitas estátuas gregas — a maioria delas — fundidas em bronze, o que permitiria que estivessem intactas, graças ao material resistente. Mas elas não atravessaram os séculos porque foram saqueadas, derretidas e transformadas em armas e moedas pelas gerações seguintes às dos artistas que as criaram. Grande parte das obras que chegaram ao nosso conhecimento foram preservadas no fundo do mar, em naufrágios ou acidentes naturais. É o caso da peça que representa uma divindade masculina (alguns julgam ser Zeus; outros, Poseidon), localizada no fundo do mar, no cabo Artemísio, na Grécia, em 1928. A escultura tem dois metros e mostra o deus grego de braços abertos, como se fosse arremessar algo (um raio, defendem os que julgam ser Zeus); ou ostentar algo (um tridente, no caso de ser o senhor dos mares).

NO BRANCO, VAZIOS E ABRAÇOS

As peças pintadas em branco, do início da trajetória de Flávio Cerqueira, destacam, de modo muito contundente, duas características simbólicas importantes da obra do artista que parecem díspares, mas caminham juntas. A primeira delas é a constatação de que se está só, seja por estar com um buraco no peito, como em “Ex-corde” (2010) ou por mergulhar sem interlocutores em “Monólogo” (2011). A outra é a resposta de autovalor a partir da consciência anterior, que transforma solidão em solitude a partir de um abraço em si mesmo, como em “Vai ver é assim mesmo” (2013) ou de uma conversa com o espelho, como em “Antes que eu me esqueça” (2013).



Vai ver é assim mesmo

Pintura eletrostática sobre bronze
2013
Coleção do artista



Monólogo

Pintura eletrostática sobre bronze
2011
Coleção do artista



Ex-corde

Pintura eletrostática sobre bronze
2010
Coleção do artista

O PRAZER TAMBÉM MORA NOS DETALHES

Às vezes, uma sutileza cria outras camadas de interpretação para uma obra de Cerqueira. É o caso dos pés do menino de “Monólogo” (2011), que foram representados usando sapatos de um famoso camundongo da história do cinema.

Há uma relação desses calçados lúdicos, de certa forma também personagens, com as marionetes de animais que o garoto segura para fazer seu monólogo.



Tudo entre nós

Pintura eletrostática sobre bronze
2010

Coleção do artista

Iceberg

Pintura eletrostática sobre bronze
2012

Coleção do artista

Passarinho
Bronze e tronco de árvore
2013
Coleção do artista



VOOS IMAGINADOS

Três esculturas formam um conjunto semântico importante na obra de Cerqueira. “Avua!” (2013); “Ao seu alcance” (2012); e “Passarinho” (2013) falam de voos imaginários e utópicos, que jamais poderão ser concretizados com os recursos utilizados pelos personagens das esculturas. Tanto a pequena asa da primeira peça quanto os fogos de artifício de “Ao seu alcance” (2012) e as tímidas penugens das asas-braços do menino-passarinho são insuficientes para que, de fato, consigam voar. Obras que tanto podem ser vistas de modo pessimista, como sonhos abortados, quanto pelo viés da alegria — a capacidade que um jovem tem de imaginar e seu desejo de futuro podem ser mais fortes que as limitações econômicas e sociais.

Ao seu alcance
Bronze e madeira
2012
Coleção do artista

Avua!
Bronze, madeira
e cordão de couro
2013
Coleção do artista



LEVANTES

Na história contemporânea da humanidade, sempre que houve um levante, havia jovens dispostos a mudar o mundo, ou pelo menos o mundo em que viviam. O grande pensador da história das imagens, Didi-Huberman, afirma que todo levante já nasce derrotado, condenado a um sufocamento, ou não seria um levante, mas, sim, uma revolução. Mas Huberman também argumenta que o verdadeiro poder de um levante, e dos jovens que o deflagram, é servir de exemplo para futuras contestações. A partir disso, importa menos se as asas imaginadas para o voo vão ser ou não capazes de ir muito longe. Importante mesmo é querer voar.

**Como se o silêncio
disse tudo**

Bronze

2020

Coleção do artista



ELES ESTÃO SURDOS?

Viver no Brasil é fazer parte de uma nação que é uma das campeãs de violência contra a mulher em todo o mundo. Dados do Ministério das Mulheres mostram que houve um recorde de registros de violência de gênero e feminicídio em 2024, o que também evidencia que as mulheres de todo o país estão se sentindo mais estimuladas e encontrando canais para denunciar os maus tratos. Ciente de que a arte é uma atividade política, mesmo quando se recusa a ser política, Cerqueira criou esculturas que são processo de escuta de mulheres próximas a ele, tanto amigas quanto familiares. A partir disso, criou “Cansei de aceitar assim” e “Como se o silêncio dissesse tudo”, ambas de 2020.

MÁRTIRES E RÉQUIENS

Em “Tião” (2017), Cerqueira se relaciona diretamente com um ícone da imagética religiosa e da cultura popular brasileira, especialmente da carioca. Padroeiro do Rio de Janeiro, São Sebastião reaparece como *Tião*, um jovem menino preto insinuado como mártir. O tom de réquiem, aparece no conjunto de velas (um velório, afinal) nas mãos de um outro adolescente.



Tião
Bronze
2017
Coleção do artista



Em memória de mim
Bronze e velas derretidas
2017
Coleção do artista

ESQUECIMENTOS E RELEITURAS

"Amnésia" (2015) é provavelmente uma das mais populares esculturas de Flávio Cerqueira. Um jovem negro toma um banho de tinta branca, como frequentemente aconteceu ao longo da história de apagamentos e embranquecimentos na sociedade brasileira. Quantos Machados de Assis tiveram os traços de afrodescendente adulterados pelo poder e pelos imaginários? Quantos, como o marinheiro João Cândido, líder da Revolta da Chibata, e como a princesa rebelde Aqualtune, tiveram as trajetórias diminuídas ou esquecidas.

Há um contraponto possível a esse apagamento em "Um lugar que não seja esperar" (2018). Uma mulher que carrega livros na cabeça, no lugar que antes parecia destinado a uma lata d'água, mostra uma afinidade da obra de Cerqueira com os movimentos que pleiteiam uma celebração da cidadania e das culturas afroconfluentes para além do lugar da dor. Se o Brasil sofreu de amnésia seletiva, é preciso e urgente disponibilizar novas narrativas, reescrever histórias, carregar em si mesmo a capacidade de ser uma biblioteca.

**Uma palavra que
não seja esperar**
Bronze
2018
Coleção do artista

Amnésia
Tinta látex sobre bronze
2015



NUNCA FOI A PRIMEIRA OPÇÃO



A ESCRITA INDIVIDUAL E A COLETIVA

O grafite e as pichações estão incorporados ao olhar de cronista que Flávio Cerqueira dirige à vida urbana. As grafias da cultura de rua aparecem em uma obra recente, inédita em exposições, o boné “Poder” (2024), que emula um tecido artesanal no bronze, e também em duas obras que combinam esculturas com intervenções no ambiente.

Em “Nunca foi a primeira opção” (2024), o artista parte novamente de sua experiência pessoal — o fato de, no passado, receber poucos convites para exposições e vendas, por causa de suas escolhas estéticas — para criar uma obra que pode se referir a uma camada imensa de jovens que não são a primeira opção de vagas, oportunidades e circuitos destinados a quem já recebeu inúmeros privilégios pelas origens social e econômica.

Já em “Better together” (Melhor juntos, 2020) (na próxima página), uma jovem oferece os ombros para que a colega suba e consiga escrever a frase que dá título à obra. Há um caminho individual, mas também uma escrita que é coletiva.

BETTER
TOGETHER



ATELIÊ

Flávio Cerqueira — Um escultor de significados culmina com a reprodução de parte do ateliê do artista. Ele compartilha um pouco de seus bastidores da criação de modo a desmistificar um lugar que ele próprio um dia considerou inacessível a jovens periféricos, como aquele que um dia foi.

Depois de percorrer os caminhos que pareciam interditados, Cerqueira almeja que futuros artistas presentes no público que visita o CCBB possam ter estímulos para fazer o mesmo.

CCBB EDUCATIVO - LUGARES DE CULTURAS

PRODUÇÃO

Sapotí Projetos Culturais

COORDENAÇÃO GERAL

Daniela Chindler

COORDENAÇÃO ARTES VISUAIS

Alexandre Diniz

COORDENAÇÃO ARTES CÊNICAS

Fátima Verônica Santos

Gabriel Sant'Anna

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Nathalia Pereira

ASSISTENTE DE MÍDIAS SOCIAIS

Amanda Vieira de Mello

PRODUTORES

Bruno Moulin, Mercedes de Assis Santos

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Marina Paranhos

RH

Luciene Mendonça da Silva Jobim

EDUCADORES

Antonio Valladares Diez, Gisele Geminna de Niemayer, Louise Ferreira de Jesus

Melissa Anselmo, Nicole Pinheiro, Raphael Rodrigues, Ruana Carla Andrade

ESTAGIÁRIOS

Alex Martins, Ana Carla Rodrigues, Beatriz Monção Lopes, Hiane Neves Nunes, Hiata Bruno Bastos, Laura Caetano Almeida Lethbridge, Maria Paula Estrella, Mariane Gonzaga Chamarelli, Marianna Bilotta, Matheus Vieira Soares Silva, Michelle Marques, Milena Luzia Maciel de Souza, Pamela Bastos da Rocha, Thalles Cruz, Vitória Alves Barreto da Silva, Vitória Regina Ferreira

COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Moulin Projetos e Cultura - Isabella Moulin

APOIO ADMINISTRATIVO

Matheus Mello

FINANCEIRO

Hugo Nascimento

EXPOSIÇÃO

PATROCÍNIO

Banco do Brasil

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Centro Cultural Banco do Brasil

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Pink Pineapple

Adelaide D'Esposito

Waleria Alexandrino Dias

CURADORIA

Lilia Moritz Schwarcz

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Flávio Cerqueira

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Rebeca Hindrikson

PRODUÇÃO LOCAL

Tatiana Belli

CADERNO EDUCATIVO

PESQUISA E REDAÇÃO

Daniela Name

EDIÇÃO

Daniela Chindler

DESIGN

Giovanna Cima

REVISÃO

Sol Mendonça

FOTOGRAFIAS

Agência Galo

Amanda Mello (capa)

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

Rua Primeiro de Março, 66 Centro, Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20010-000

Informações: (21) 3808 2020 | ccbbrio@bb.com.br

Horário de funcionamento: Quarta a segunda: 9h às 20h Terça: Fechado
Entrada gratuita

Agendamento de grupos:

agendamento.rj@programacbbeducativo.com.br

[f /ccbb.rj](https://www.facebook.com/ccbb.rj) [@/ccbb_rj](https://www.instagram.com/ccbb_rj)

[X /ccbbrij](https://www.x.com/ccbbrij) [T /@ccbbcultura](https://www.tiktok.com/@ccbbcultura)

Central de Atendimento BB: 4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC: 0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

“Nos termos da Portaria 3.083, de 25.09.2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de Funcionamento deste CCBB tem número 489095, de 03.01.2001, sem vencimento.”



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Produção

Educativo



pink pineapple

SAPOTI

CCBB 
Centro Cultural Banco do Brasil

Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

